

A LINGUAGEM DO EXISTENCIALISMO: TROMPETE, JAZZ E PATAFÍSICA

Deise Quintiliano Pereira (UERJ)
deisequintiliano@uol.com.br

Contrariamente ao que muitas vezes o senso comum leva-nos a interpretar, o "Existencialismo" não representa somente uma corrente filosófica que atinge o paroxismo nos anos 1950. Esse movimento implica, também, uma moda, um estilo de vida, de linguagem, de comportamento, uma maneira de existir que acompanha as liberações e rupturas às quais aspiravam a geração do imediato pós-guerra. Ao promovermos um diálogo entre as artes e a literatura, interessa-nos examinar a história da linguagem existencialista que interliga as posições filosóficas de seu expoente mais expressivo, o escritor Jean-Paul Sartre, o “papa do existencialismo”, ao Jazz, e que eclode na voz metalizada da cantora Juliette Gréco, ao som da trompete de Boris Vian. Esse “modo existencialista de viver”, denotando um certo desgosto da Revolução Nacional, é representado, igualmente, pelo movimento dos “zazous” que, a exemplo dos existencialistas, elegem as numerosas caves de Saint-Germain-des-Prés como ponto de encontro e de intercâmbio cultural.